

40º Encontro Anual da Anpocs

ST18 Migrações internacionais e fronteiras: políticas, sociabilidades, territórios e reconfigurações identitárias

O lado feminino da migração: Bolivianas em São Paulo.

Jacqueline Lobo de Mesquita - jdh89.jl@gmail.com
Mestre em Ciências Sociais (UFRRJ)
Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios- NIEM

Miriam de Oliveira Santos - mirsantos@uol.com.br
Doutora em Antropologia Social - Docente e Pesquisadora da UFRRJ
Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios- NIEM

O objetivo dessa comunicação é refletir sobre a maior visibilidade das mulheres nas migrações internacionais, problematizando as visões cristalizadas sobre a inserção de homens e mulheres migrantes nesse processo. Utilizaremos como referencial empírico as imigrantes bolivianas em São Paulo. Da mesma forma que Assis (2007) acreditamos que o gênero é “ um princípio classificatório que atravessa o movimento migratório e que, juntamente com outras categorias como “classe”, “geração” e “etnia”, configura as oportunidades de mulheres e homens migrantes”. Sabemos também que o contexto migratório pode alterar as categorias de percepção e ação internalizadas pelos migrantes, assim como as relações entre mulheres e homens no interior de suas famílias.

Os dados que aqui apresentamos foram compulsados como parte da pesquisa de dissertação de mestrado de Jacqueline Lobo Mesquita, mas não se trata de uma reelaboração desse trabalho ou da apresentação de um capítulo, mas sim de um novo trabalho realizado à partir de dados que foram pouco explorados no trabalho original (MESQUITA,2016).

O Brasil é considerado um dos principais destinos para migrantes bolivianos, que se concentram na região metropolitana de São Paulo¹ e vão trabalhar em pequenas oficinas de costura. A migração Boliviana teve pelo menos dois grandes fluxos para a cidade de São Paulo o primeiro em meados de 1950 e o segundo entre 1970 e 1990. A bibliografia consultada aponta, quase que unanimemente, que o primeiro fluxo era constituído massivamente por estudantes e que no caso do segundo fluxo os bolivianos eram pensados como mão de obra barata e cativa fundamental para a expansão da produção têxtil. Grande parte destes migrantes residia no local de trabalho, tinha mobilidade limitada e era assolada pelo medo (muitas vezes, imposto pelos próprios donos das oficinas) da polícia, da prisão e da deportação.

Contudo, esse quadro foi alterado a partir do final da década de 1990, quando esses migrantes superam sua mera condição de força-trabalho e emergem como sujeitos de direitos. Atualmente, matriculam seus filhos nas escolas públicas, demandam sua inserção nos serviços públicos de saúde,

1 Dados divulgados pelo observatoriodoturismo.com.br | [facebook.com/observatoriodoturismoeventos](https://www.facebook.com/observatoriodoturismoeventos) dão conta que essa é a segunda maior comunidade estrangeira na cidade de São Paulo.

organizam seus corais e grupos de dança e desfrutam dos espaços de lazer disponíveis na cidade, fazendo-se representar também nos conselhos comunitários e em Organizações Não-Governamentais ligadas à Imigração.

Como demonstrado em Mesquita (2016) a imigração boliviana para São Paulo não é homogênea, sendo perpassada por diferenças de classe social, escolaridade, gênero, etnia e origem regional. Muito longe, portanto, do paradigma do boliviano pobre e de origem indígena, contudo podemos afirmar que, de uma maneira geral, os imigrantes bolivianos que chegam à São Paulo, trazem internalizados alguns valores predominantes na sua sociedade de origem, especialmente aqueles voltados para a família e a divisão sexual do trabalho.

Em relação ao fluxo atual observamos que, quando comparado com os anteriores, ele continua expressivo e representado massivamente por um fluxo de jovens e homens, no entanto as mulheres também passaram a realizar esse percurso migratório, arcando, no entanto, com custos maiores já que tem de lidar com questões como cuidado familiar, trabalho doméstico, desigualdades de gênero e maior vulnerabilidade. Contudo, olhar para as imigrantes bolivianas permite vislumbrar estratégias de sobrevivência e solidariedade essencialmente femininas, criadas justamente para lidar com as questões elencadas acima.

Como Bourdieu, acreditamos que:

De fato, a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ela é um dos lugares por excelência de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as gerações (...)(BOURDIEU,1996, p.131)

O que implica que os principais responsáveis pela integração do migrante na nova sociedade são os grupos familiares, de parentesco e de amizade, e, em razão das relações de reciprocidade, são os responsáveis, condicionando inclusive a carreira profissional destes (DURHAM, 1984, p.189). São esses amigos e familiares que, muitas vezes, constituem os elos da rede migratória e cada vez mais, as mulheres adquirem um papel fundamental nessas redes.

Portanto a migração não significa o afrouxamento das relações sociais, mas uma redefinição das mesmas, e o próprio processo migratório, desencadeia um fluxo de troca recíproca entre parentes e amigos (RIDLEY, 1979, p.129).

De onde decorre que apesar da migração implicar algumas rupturas com a estrutura social anterior e a inserção em novas e mais complexas estruturas, a mudança não deve ser pensada como um processo de desintegração familiar, mas sim de rearranjos das relações primárias (DURHAM, 1984,p. 189).

Efetivamente, nos contextos migratórios: “ (...) as características culturalmente definidas do que é considerado dever masculino e feminino, e que definem o que é próprio ou esperado do comportamento de uma mulher e de um homem e da relação entre eles é posta em cheque. ” (DE BIAGGI, 2003, p.177). E sendo assim os papéis sexuais e as relações familiares também serão redefinidos.

Os bolivianos em São Paulo

Conforme mencionado, a migração Boliviana teve pelo menos dois grandes fluxos para a cidade de São Paulo. Sidney Silva (2006) afirma que, a partir de 1950, convênios de intercâmbio científico e cultural entre Brasil e Bolívia estimularam a migração de estudantes de medicina, engenharia e, de uma maneira geral, profissionais liberais.

Essa migração nunca cessou totalmente, mas a partir de 1980 um novo fluxo de migrantes Bolivianos aparece na cidade de São Paulo, bastante diferente do anterior, este fluxo é caracterizado por uma maioria de jovens de ambos os sexos, solteiros e de escolaridade média, que migraram atraídos principalmente pelas promessas de bons salários feitos pelos empregadores coreanos².

2 É válido apontar que tais empregadores demonstram um fluxo no mercado étnico do setor têxtil e em como ele demonstra também os fluxos migratórios para a cidade. Primeiramente no setor tem-se judeus empregando coreanos, que passam a ter espaço nas confecções e começam a contratar bolivianos. Essa primeira geração de bolivianos, monta suas próprias oficinas de costura e passam a contratar mão de obra boliviana, entretanto idas a campo demonstram que atualmente o setor vem sendo abarcado também com mão de obra paraguaia e mais recentemente já pode-se observar principalmente nas filas de ofertas de emprego presentes na Praça Kantuta com mão de obra de pessoas do continente africano, haitianos, congolezes, dentre outros.

Souchaud (2007) aponta para uma diversificação dos locais de concentração da comunidade boliviana em São Paulo, inicialmente concentravam-se no centro da capital, mas com os fluxos sucessivos e o aumento da comunidade houve uma dispersão pelos subúrbios. Souchaud (2007) registra que, no censo do IBGE, realizado em 2000, 8919 pessoas residentes nos 39 municípios da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) declararam ter nascido na Bolívia, contudo sabemos que é sempre muito difícil estimar o número de imigrantes em função do grande número de indocumentados que se encontram entre eles.

Segundo estudo realizado por Souchad (2010) 44,1% dos imigrantes bolivianos ativos e ocupados trabalham na confecção de artigos do vestuário e acessórios, 2,6% representam os vendedores ambulantes, o que indica uma grande concentração na indústria de confecções.

Contudo, o fato de existirem também uma grande proporção de imigrantes qualificados (6,2% do total dos ativos são médicos, e outros 2,0% são dentistas e 1,3% são dirigentes de empresas empregadoras com de cinco empregados) demonstra a heterogeneidade e a diversidade dos perfis profissionais e sociais dentre a população imigrante boliviana.

As bolivianas: examinando as estatísticas

Um estudo feito pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), em 2012, demonstrou que a década iniciada em 2000, foi marcada pelo crescimento econômico do país, o que levou o Brasil a despontar como um dos maiores receptores de fluxos migratórios sul-americanos³.

Ao traçar o Perfil Migratório da Bolívia, em 2011, a mesma OIM constatou que o Brasil foi o quarto principal destino dos emigrantes bolivianos, superado apenas pela migração para a Argentina, Espanha e Estados Unidos da América. Também é possível verificar que nas últimas décadas houve um fluxo crescente de mulheres migrantes bolivianas para a Região Metropolitana de São Paulo,

³ Organización Internacional para las Migraciones. Panorama migratorio de América del Sur. 2012. Disponível em: http://publications.iom.int/bookstore/free/Panorama_Migratorio_de_America_del_Sur2012.pdf. Acesso em: 17/05/2016.

com concentração na Região Leste⁴.

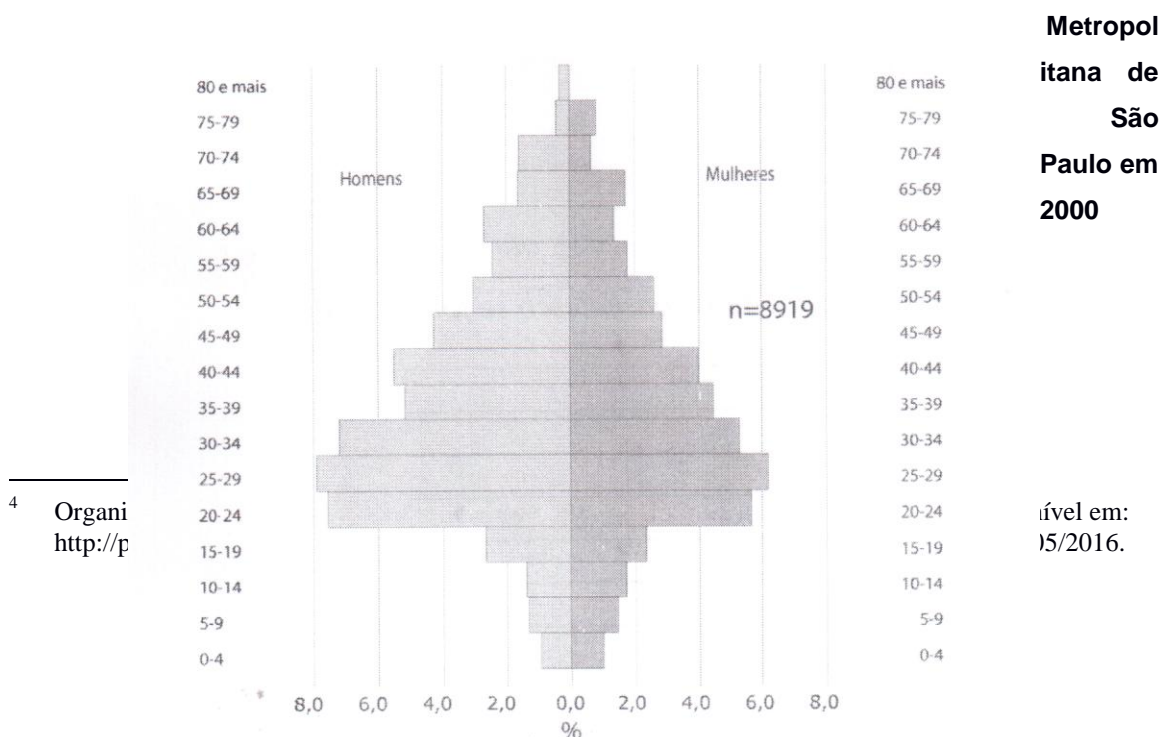
Segundo o Censo Demográfico do IBGE, o número de bolivianos na capital Paulista aumentou 173% em dez anos. No ano 2000 eram 6.568, já em 2010 aumentou para 17.960. De acordo com o Consulado da Bolívia, estima-se que mais de 350 mil bolivianos vivam na cidade de São Paulo e apenas 100 mil são documentados. Conforme Censo 2010, esses imigrantes situam-se principalmente nas regiões norte (51,0%) e leste (40,4%) da cidade, com grandes concentrações em Vila Maria, Belém e Casa Verde.

O deslocamento mais recente dessas populações para bairros mais afastados do centro, apontado por Souchaud (2010), estaria relacionado com a flexibilização do trabalho para fora da indústria, que reforça a informalidade e leva as oficinas de costura para o âmbito doméstico, possibilitando uma maior inserção de mulheres nessa atividade.

As estatísticas apontam que a maioria das migrantes que chegam da Bolívia é de mulheres jovens, com baixa qualificação profissional e pouca escolaridade, caracterizando uma imigração essencialmente laboral no ramo da confecção. Conseqüentemente, o “trabalho em casa” pode ser um facilitador da manutenção das cadeias migratórias e usa os migrantes já instalados no Brasil como principais receptores desses fluxos.

O gráfico que apresentamos a seguir, permite perceber claramente essas características:

Gráfico 1. Sexo por faixa etária da população nascida na Bolívia residente na Região



Fonte: Souchaud (2010)

Constatamos, portanto, que a maioria das imigrantes bolivianas é jovem, entre 20 e 44 anos. O que corrobora a observação de Silva (2006):

O perfil característico desses imigrantes, que foi sendo construído desde os anos 1980, mostra que eles são, em sua maioria, jovens, de ambos os sexos, solteiros, de escolaridade média, e vieram atraídos principalmente pelas promessas de bons salários feitas pelos empregadores coreanos, bolivianos ou brasileiros da indústria da confecção. Oriundos de várias partes da Bolívia, porém com uma predominância dos pacenhos e cochabambinos (isto é, provenientes de La Paz e Cochabamba, respectivamente), esses imigrantes passaram a apostar tudo na atividade da costura, alimentando, assim, sonhos de uma vida melhor para si mesmos e seus familiares que lá ficaram. (SILVA, 2006,p.160)

Contudo, é importante não esquecer, que existem os “pontos fora da curva” imigrantes com alto nível de renda e escolaridade e que na sua maioria são profissionais liberais, estudantes de pós-graduação ou esposas de executivos e diplomatas.

As bolivianas: problemas e estratégias

(...), se o mundo social, com suas divisões, é algo que os agentes sociais têm a fazer, a construir, individual e sobretudo coletivamente, na cooperação e no conflito, resta que essas construções não se dão no vazio social, como parecem acreditar alguns etnometodólogos: a posição ocupada no espaço social, isto é,

na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital, que também são armas, comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição das lutas para conservá-lo ou transformá-lo. (BOURDIEU, 1996, p.27)

A citação de Bourdieu nos recorda que é fundamental examinar os contextos e as relações sociais, mas também a posição ocupada no espaço social pelos nossos sujeitos de pesquisa. No nosso caso, ao olharmos para as mulheres bolivianas percebemos como o gênero funciona como um diferencial que traz consigo problemas específicos, mas também capitais e estratégias diferenciadas.

Como afirma Antunes:

As relações entre gênero e classe nos permitem constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivenciamos também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres que trabalham são, desde a família e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho (ANTUNES, 2009, p. 109).

Convém, contudo, afastar o determinismo que reduz o migrante ao econômico, caracterizando-o como alguém que migra apenas em função de melhores condições no mercado de trabalho e de um maior ganho salarial. Devemos lembrar que a teoria das redes sociais surgiu justamente como uma alternativa tanto à teoria neoclássica quanto a do determinismo estrutural. É ainda Assis (2007) que nos alerta que:

Enquanto as transformações macroestruturais são compreendidas como desencadeadoras das pressões migratórias, as famílias e as redes sociais respondem a tais pressões e determinam quais membros dos domicílios e das comunidades realmente migram. Nesse contexto, a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança em que as mulheres inserem-se ativamente. (ASSIS, 2007, p. 752)

No entanto, as redes sociais também funcionam como redes de

solidariedade, e fazem toda a diferença no momento da decisão de migrar, do local para onde ir e da inserção após a chegada, segundo Carleial (2002):

As redes de solidariedade aos imigrantes são tipos de estratégias econômicas e sociais, que permitem oportunidades de emprego e de convivência, amenizam os conflitos decorrentes das adversidades encontradas no lugar de destino, viabilizando o processo migratório. (CARLEIAL, 2002).

Veremos, através de trechos de nossas entrevistas, como o gênero afeta a migração e o papel das redes na inserção e adaptação dessas mulheres. Todas as entrevistas realizadas foram de profundidade e procuramos obter o máximo de informações, mesmo aquelas que apenas o silêncio é capaz de revelar.

As entrevistas foram realizadas em São Paulo, no período de junho de 2014 a julho de 2015. Para selecionarmos os sujeitos da pesquisa foi utilizada a técnica de “bola de neve” em que um sujeito indica o outro para a entrevista, os primeiros informantes foram imigrantes com os quais a pesquisadora já tinha realizado contatos anteriores. Ao todo foram realizadas 10 entrevistas com aproximadamente uma hora cada.

As entrevistas seguiam um pré roteiro de perguntas, no entanto muitas vezes os entrevistados sentiam mais liberdade para falar sobre suas famílias e histórias de vida quando dizíamos que estes podiam nos contar o que quisessem sobre determinados assuntos, como por exemplo convivência escolar, vinda para o Brasil, documentos dentre outros. As entrevistas ocorreram em ambientes com grande circulação de imigrantes, como por exemplo na praça Kantuta, dentro de ONGs, ou em eventos que debatiam questões que interessavam aos migrantes, principalmente aqueles que debatiam questões trabalhistas

Utilizaremos aqui alguns trechos mais significativos para demonstrar como a experiência migratória feminina comporta uma série de especificidade. Os trechos das entrevistas serão cotejados e complementados com depoimentos obtidos através de pesquisa bibliográfica e documental.

Começaremos analisando as palavras de Amanda, (todos os nomes são fictícios), uma boliviana de aproximada mente 58 anos, que está a

aproximadamente 10 anos em São Paulo e têm três filhos, nossa entrevista foi marcada em uma tarde dentro de uma ONG na capital de São Paulo, foi interessante perceber que Amanda a princípio achava não ter muito o que falar, com ela utilizamos nosso roteiro de perguntas, porém conforme mencionado em determinados momentos ela se sentia mais a vontade isso tornou nossa entrevista que aparentemente ia ser curta em uma das maiores realizadas durante o trabalho de campo. Suas pausas durante as falas sobre os filhos e em como eles a ensinaram português foi um destes momentos em que a entrevistada deixou o roteiro e a conversa fluiu.

Eu vim, assim, por terra, sozinha, não através de agencia (coyotes)⁵, porque eu tenho uma irmã que vive aqui quase trinta anos e o esposo dela é brasileiro, e ele orientou muito a nós, e isso facilitou para mim, eu não sofri nenhum tipo de trabalho escravo, posso dizer, porque meu cunhado me ajudou muito, me ajudou até mesmo a falar, a buscar a vaga para a escola dos meus filho, então me ajudou muito. Eu não sofri muito com essas coisas que muitos bolivianos têm passado né, quando vem com dívida e tem que trabalhar mais de meio ano para pagar essa dívida.

Neste caso essa rede auxiliou Amanda desde a chegada até a inclusão dos filhos em escola pública. Ela também revela, que uma das formas que conseguiu aprender mais sobre a cultura brasileira e o próprio português foi através da socialização de seus filhos no convívio escolar. Novamente evocamos Assis (2007), que afirma que as “redes sociais são informadas pelas normas do parentesco e de gênero”. Sendo assim, apesar de homens e mulheres utilizarem as redes eles o fazem de diferentes maneiras.

Assim, as mulheres utilizam-se muito mais da ajuda fornecida por parentes e são elas que articulam as redes entre os demais domicílios. Os homens também se apoiam nessas redes, mas os dados indicam que contam mais com a ajuda

5 Neste caso, quando a entrevistada se refere à agência, na verdade se refere aos serviços prestados por coyotes, pessoas que cobram para trazer a pessoa através da fronteira, sem documentos, e de maneira ilegal.

dos amigos para arranjar trabalho e moradia do que com os parentes. (ASSIS, 2007, p. 768)

Contudo, é preciso lembrar que a família, a igreja e a escola constituem mecanismos de reprodução, manutenção e dominação de interesses diversos. Essas instituições colaboraram e ainda colaboram para manter o status-quo de uma determinada sociedade. Analiticamente, a família e a igreja ainda são regidas por autoridades do sexo masculino, o chefe de família, o chefe religioso, na escola a figura do masculino se apresenta de forma simbólica, pois, apesar de ser o lugar da atuação das mulheres as mesmas são silenciadas. Portanto se essas instituições possuem um papel de destaque na formação das redes sociais e de solidariedade, também são fundamentais no controle do comportamento de seus membros, em especial das mulheres.

Constatamos que a trajetória de Amanda é bastante comum entre as imigrantes bolivianas. O depoimento de uma aluna boliviana publicado em uma reportagem do jornal "O Estado de São Paulo" nos ajuda a perceber isto:

Cindy Abigail Cruz Tolavi, de 7 anos, (...) se mudou para o Brasil no ano passado, com a mãe e uma irmã de 10 anos. O pai ficou na Bolívia. Cindy contou que aproveita o tempo na escola para brincar, já que à tarde, após as aulas, tem de acompanhar a mãe no trabalho, em uma confecção de roupas. "Lá nós não podemos fazer bagunça. Então, fico a tarde toda fazendo as lições de casa." Com o português já fluente, Cindy se gaba de falar melhor que a mãe. "Ela ainda troca algumas palavras pelo espanhol."⁶

O depoimento de Cindy chama a atenção para uma ds questões centrais em relação aos bolivianos em São Paulo: o trabalho na indústria de confecções.

Blanca, vinda de La Paz e com dois filhos, em depoimento na Casa do Migrante, elucida alguns elos entre a rede migratória boliviana e o trabalho nas oficinas de costura:

6 <http://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2015/06/29/colegio-publico-no-centro-de-sp-tem-55-de-alunos-estrangeiros.htm>, acesso em 09 de agosto de 2016. Avellaneda, assinala que: "As condições vivenciadas pelos imigrantes não são as mais apropriadas. Em muitas oficinas há uma máquina de costura ao lado da cama. As crianças que vivem no local – bebês e outras um pouco mais velhas – não têm o espaço necessário para brincar e os ambientes contam com pouca ventilação. Os pais também têm pouco tempo para cuidar deles ou brincar com eles, pois precisam dar conta do seu trabalho. (2015,p.90)

Emigrei do meu país pois não havia encontrado oportunidades na Bolívia, encarando essa realidade resolvi migrar, sei que o Brasil está bem economicamente e por isso resolvi vir para cá. Para dar uma vida digna para meus filhos. Trabalhei primeiro em Minas Gerais, lá trabalhava com costura das sete da manhã até as dez da noite de segunda a sábado, quando foram me pagar eu estava ganhando menos do que ganharia no meu país, eu trabalhava mais de doze horas seguidas, e foi realmente dramático. Tive que pagar a passagem para a pessoa que me trouxe, quando finalmente consegui chegar em São Paulo, a Casa do Migrante me acolheu. (Blanca)

Ou seja, o que permite que Blanca consiga sair de um esquema trabalhista de extrema exploração é justamente a sua entrada nas redes de solidariedade oferecidas por uma ONG paulista.

O trabalho informal cria um fluxo de mulheres que migram para trabalhar na economia informal, que Sassen (2003) denomina como contrageografias da globalização. Essa autora, destaca que esses circuitos geram importantes recursos econômicos, que muitas vezes ficam invisibilizados, uma vez que reduzem os custos da produção, favorecem a flexibilização e a desregulamentação da força de trabalho, criando condições para absorver a mão de obra feminina e estrangeira.

Muitas imigrantes bolivianas vivenciam uma tripla jornada de trabalho, trabalham exaustivamente nas oficinas e continuam trabalhando ao chegar em casa, não somente na arrumação da casa e no cuidado dos filhos mas também realizando trabalhos de costura no sistema de “facção”⁷. Isso quando não se trata daquelas que moram no ambiente de trabalho e têm quase totalmente suprimidos seus momentos de lazer.

Em meio a um seminário no qual os imigrantes são os porta vozes de suas vivências, encontro Marta uma de muitas vozes neste fluxo de migração

7 De acordo com o SEBRAE: “A facção é um sistema de terceirização e de integração que vem sendo muito utilizada na indústria da confecção. Funciona assim: Uma indústria maior, que normalmente tem como principal atividade a criação e comercialização, cria a sua coleção, efetua os cortes das peças e encaminha para outras indústrias menores que são contratadas para montar as roupas. Essas indústrias não comercializarão os produtos, apenas são responsáveis pelo serviço de montagem das roupas, devolvendo em seguida, para a indústria maior, que confere as peças, padroniza a qualidade e comercializa os produtos”. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-servico-de-confeccao,89387a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD> . Acesso em 23 de agosto de 2016. Contudo o sistema de facção também é utilizado para distribuir trabalho por mulheres que trabalham em suas casas, sem vínculo empregatício e recebendo por produção.

entre Bolívia e Brasil, nossa entrevista é gravada e nela ela me conta sobre suas razões para a escolha do país, sobre seus empregos, e principalmente sobre seus filhos.

Marta está no País há aproximadamente seis anos, e tem mais ou menos 45 anos. Conta que chegou no Brasil com os filhos, pois uma mãe não quer os filhos passando necessidade, e percebendo que as oportunidades estavam escassas na Bolívia, resolveu se arriscar e vir para o Brasil. Mãe de dois filhos Marta revela que como mulher sente muita pressão da comunidade, Entretanto só quando eu desligo meu gravador ela me revela que sempre que questionada, diz ter o marido acamado, e por este motivo ninguém nunca o vê:

Não tenho marido, mas quando me perguntam digo que ele está acamado. Sou mãe, solteira, e, mesmo na comunidade, uma mulher que migra sozinha, e ainda está sozinha, ainda é vista com maus olhos.
(Marta)

Observamos aqui, que apesar de estar fora das redes de solidariedade, Marta não está fora da comunidade boliviana e sente o controle que seus patrícios exercem sobre a sua vida, sua moral e o seu comportamento. O controle moral da mulher imigrante é feito geralmente pela mesma rede que lhe presta solidariedade: parentes, amigos e vizinhos.

Em termo de estratégias, uma em particular se destacou. Ao entrevistar uma professora ela relatou que estava em classe e um de seus alunos não se sentava, e portanto ela chamou-lhe a atenção:

Eu dizia para ele menino senta, menino senta, e o menino não sentava. Até que em determinado momento, ele chegou perto de mim e disse bem baixinho. Professora é que eu não sou menino... sou menina. Mais tarde ela me explicou que quando a mãe veio para o Brasil veio sozinha com as filhas e, com medo de que acontece algo, cortou os cabelos das filhas e lhes colocou roupas masculinas. (Lúcia, educadora do sistema básico de ensino da cidade de São Paulo).

O caso narrado acima sugere a manipulação da aparência para fugir da estigmatização que é descrita por Goffman⁸ (1988) nos parece claro que ser mulher é considerado tanto um perigo, quanto um estigma. Além disso a migração de mulheres sozinhas é uma situação de extrema vulnerabilidade⁹, tanto pela sua condição de gênero, como por serem migrantes, estão expostas tanto a violência urbana de uma metrópole como São Paulo como a extorsões e chantagens praticadas pelos patrões.

Graeme Hogo (1998) afirma que:

(...) se o migrante está em situação dupla de insegurança dado o seu status de migrante e ilegal, o aumento do número de mulheres envolvidas nesse processo as expõem a uma situação de tripla insegurança por causa da questão de gênero, havendo um risco ainda maior de exploração. (HOGO, 1998,p.11)

Casos de mães migrando sozinhas são comuns e em alguns casos adquirem contornos bastante dramáticos. Bonassi cita em seu livro o caso de uma imigrante que só conseguiu os documentos regularizando sua situação no país em 1987, oito anos após a sua chegada no Brasil. O trecho a seguir parte de uma carta que ela enviou ao centro pastoral do migrante e que, segundo a autora, reflete o drama vivido por imigrantes da época

Na rua, chuva, frio. Dentro de mim também está frio... Os documentos ainda não chegaram. Não posso trabalhar num emprego fixo. Como sustentar as crianças? Faço serviços provisórios, sem papéis, um pouco de trabalho, um pouco fico parada e somente para comer, comer mal ou nem comer...

Saio de casa com passo cansado; hoje também vou à procura de serviço. Parece-me carregar cem quilos nas costas, parece-me não poder aguentar mais... Porém, no fundo do meu coração, a luzinha de

8 (...) quando a diferença não está imediatamente aparente e não se tem dela um conhecimento prévio (...), quando, na verdade, ela é uma pessoa desacreditável, e não desacreditada, nesse momento é que aparece a segunda possibilidade fundamental em sua vida. A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde” (GOFFMAN,1988,p. 38).

9 Santos, Drezett e Alves (2015,p.31), assinalam que: “ (...) mulheres migrantes bolivianas se encontram em condição de vulnerabilidade para sofrer violência sexual. Cabe considerar sua inclusão junto a outros grupos minoritários nas políticas públicas de atenção social e à saúde. Além disso, os condicionantes implícitos em sua cotidianidade aumentam seu grau de vulnerabilidade social, os quais podem ser entaves ou obstáculos que dificultam ainda mais que mulheres migrantes acessem os serviços de saúde e de segurança que forneçam apoio em momento de dificuldade”.

esperança não queria se apagar e com a esperança a fé em Deus, a fé que um dia tudo isso terminaria: marginalização, exploração, pressão, abuso, prevaletimento: é igual estar presa em liberdade (...) Hoje mesmo, porém, voltando para casa ser ter achado nada, minha luzinha parecia se apagar. Tudo era escuro dentro de mim.

Mas hoje recebo a carta (...)

- Informamos a senhora que foi deferido o seu pedido de permanência. Leio de novo (...) “Chegou a permanência!” Comecei a gritar abraçando os meus filhos que ficaram quase assustados por este estouro de alegria e choro. “Chegou a permanência” repetia, correndo para as vizinhas. Suava, tremia, ria, chorava! Tantas emoções juntas.

Aconteceu como se uma mão invisível arrancasse de vez tudo o que de horrível aconteceu durante esses oito longos anos. As correntes se quebraram, terminou a prisão (Centro Pastoral Cibai- Migrações, Porto Alegre, 1987 apud BONASSI, 2000, p. 81).

O relato deixa claro a angústia de quem precisa resolver todos os problemas sozinha e é a única responsável pelo cuidado dos filhos. Demonstra também os problemas casusados pela falta de uma rede de apoio familiar (que normalmente fica no país de origem) e os problemas e temores que a situação de imigrante indocumentada provoca.

Além do cuidado com os filhos os condicionamentos sociais e culturais se refletem no cuidado e nas práticas de saúde. Muitas vezes a condição de imigrantes ilegais as afasta do sistema de saúde mas este afastamento também pode ser decorrente do choque com práticas culturais divergentes em relação aos cuidados com a saúde.

Em uma tese defendida na USP sobre os cuidados com gestantes bolivianas no serviço público de saúde em São Paulo, Avenalleda (2015) nos conta que muitas dessas gestantes acreditam que a mulher não deve tomar banho no resguardo (no mínimo por oito dias, mas em alguns lugares da Bolívia pode chegar a 40) e esse fato não é aceito nem entendido pelas profissionais de saúde paulistanos criando muita tensão com as pacientes. Como relata uma das suas entrevistadas:

Depois que nasce o bebê a mulher não deve passar frio porque os poros estão abertos e se entra o frio pode ocasionar algo ruim no corpo, daí pode afetar os ossos por isso deve abrigar-se bem, tomar bebidas quentes e comer sopas também quentes para que ajude a eliminar o sangue que fica dentro do corpo, porque deve eliminar todo esse sangue que não é bom. Aqui não entendem, as bolivianas estamos

acostumadas a que, quando nasce o nenê, não pode passar frio e não deve banhar-te, pior molhar a cabeça, mas aqui obrigam a banhar-te todos os dias, aí dizem “tem que tomar banho” e realmente não entendem às bolivianas que não querem banhar-se para não passar frio e elas dizem “como não quer tomar banho?” e ao final obrigam. Essa coisa de nós não quisermos tomar banho já é vista como ruim, ou seja, que somos sujas, que não queremos tomar banho. A enfermeira entrou no quarto e ficou brava e gritava a uma boliviana do quarto: “você tem que tomar banho, como vai ser uma porca, suja, teu bebê está limpo e você vai sujar” e a boliviana começou a chorar. Essas coisas dão raiva, eles não entendem também que quando as mulheres temos nenê ficamos sentimentais, sensíveis e não é possível que nesse momento fiquem brigando porque faz mal para nós. **(Alê, 30 anos, 3 filhos)** (*Apud in: AVENALLEDA, 2015, p. 109*)

Observamos nesse caso que além da dificuldade de comunicação devido ao pouco conhecimento de português, as diferenças culturais tornam mais difíceis a gravidez, e os cuidados no parto e no pós-parto. A pesquisadora afirma que muitas mulheres são tratadas com descaso e inferioridade pelo fato de serem estrangeiras, resalvando que existem bons profissionais que se esforçam para compreender e auxiliar as pacientes, mas que, para grande parte da equipe dos hospitais, elas são apenas um estorvo.

Considerando tais comportamentos, concluímos que há um duplo estranhamento cultural e ele se manifesta mais claramente com as mulheres migrantes do que com os homens. Também deve ser registrado que as migrantes oriundas da Zona Rural e que falam principalmente o Aymara sofrem mais. Além disso, de um modo geral, elas preferem ter os filhos em casa mas em São Paulo não tem essa opção, porque se os filhos não nascerem no hospital não terão registro e muitas vezes é o nascimento e o registro dos filhos que permite a regularização de toda a família.

Considerações Finais

Na presente apresentação buscamos abordar alguns tópicos pertinentes para uma reflexão sobre as questões de gênero diante da imigração. Nesse sentido, é importante pensar não apenas nas pessoas, mas nas relações entre elas e nas redes que elas propiciam. Nunca é demais lembrar que as mulheres costumam ser as guardiãs da memória do grupo, as transmissoras da cultura e

elementos fundamentais na manutenção dos laços familiares, mesmo quando se encontram em outros países

Da mesma forma que Kosminsky (2007), acreditamos que:

“Gênero” é um fator fundamental que organiza a vida social, e tem atuado desde o início da existência humana: um fato que não pode ser afirmado para a maioria das outras forças sociais estratificadoras, tais como “classe social” e “raça”. Contudo, “gênero” não pode ser visto e analisado de forma isolada. Mais do que isso, “gênero” é dinâmico e se articula com outros eixos de diferenciação (“classe social”, “raça”, “etnia”, “geração”, “orientação sexual”), levando-se em consideração que todas essas diferenciações sociais compreendem estruturas de poder. Essas forças são construções sociais e, portanto, não são naturais, categorias inatas ou características. A pesquisa etnográfica feminista permite ver o gênero operando em diferentes aspectos da migração. (KOSMINSKY, 2007,p.802),

Portanto, incorporar a reflexão de gênero nos estudos migratórios permite iluminar alguns aspectos não contemplados pelos estudos tradicionais da migração e também pensar em aspectos que atingem mais fortemente as mulheres tais como cuidados com os filhos, gestação e parto e a violência sexual. Mas também contribui para entender melhor o papel que desempenham no seu grupo de origem, suas condições de vida, oportunidades e restrições.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, dez. 2007.

AVELLANEDA YAJAHUANCA, Rosario del Socorro. *A experiência de gravidez, parto e pós-parto das imigrantes bolivianas e seus desencontros na cidade de São Paulo – Brasil*. Tese de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo, 2015

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. Campinas, Papyrus, 1996.

CARLEIAL (2002)REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES. Universidad de Barcelona. Vol. VI, núm. 119 (124), 1 de agosto de 2002- Adelita Carleial

DE BIAGGI. Sylvia Dantas. Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. In:MARTES, A.C.B. e FLEISCHER, S.R. (orgs) *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*, SP: Paz e Terra, 2003, p. 175-198..

DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 3a. ed. São Paulo : Perspectiva, 1984.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HOGO,Graeme. Migrações internacionais não-documentadas. Uma tendência global crescente. In: Travessia XI/30 (janeiroabril/98)

KOSMINSKY, Ethel V.. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 773, jan. 2007.

MESQUITA, Jacqueline Lobo de.*Lei de Imigração No Brasil e Processos de Anistia ? O olhar do imigrante Boliviano* . 2016. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. *Panorama migratorio de América del Sur*. 2012. Disponível em: http://publications.iom.int/bookstore/free/Panorama_Migratorio_de_America_del_Sur2012.pdf. Acesso em: 17/05/2016.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. *Perfil Migratorio de Bolivia*, 2001. Disponível em: http://publications.iom.int/bookstore/free/Perfil_Migratorio_de_Bolivia.pdf. Acesso em:17/05/2016.

RIDLEY, Dominique. *Uma mão lavando a outra, e as duas banhando o rosto: um estudo de redes de parentesco como uma solução estratégica dentro do contexto da migração*. 1979. Brasília : Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, 1979.

SANTOS, Jetro; DREZETT, Jefferson e ALVES,Alan de Loiola. Características sociodemográficas de migrantes bolivianas com gestação decorrente de violência sexual atendidas em serviço público de referência para abortamento legal.São Paulo,Brasil, 2 – 2014. *Reprodução & Climatério*. Volume 30, Janeiro - Abril 2015, pág. 25-32.

SASSEN, Saskia. *Contra geografías de la globalización. Género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos*. Madri: Traficantes de Sueños, 2003.

SILVA, S. A *Costurando sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, São Paulo , v. 20, n. 57, p. 157-170, Aug. 2006 .

SOUCHAUD, S. A imigração boliviana em São Paulo. In: FERREIRA, A. P. et al. (Ed.). *Deslocamentos e reconstruções da experiência imigrante*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p.267-292.